

“À MARGEM DA HISTÓRIA DOS ESTUDOS CLÁSSICOS”

APRESENTAÇÃO

Rafael G. T. da Silva¹

O que está implicado na condição de intelectuais que se veem instados a habitar as margens dos grandes centros de conhecimento e poder das áreas dedicadas ao Estudo da Antiguidade? Quais são as características que destacam esses indivíduos e suas obras como um grupo distinto daquele que ocupa espaços centrais de produção do saber? Conduzidos até essas margens, quiçá arrastados para lá, segundo as vicissitudes vivenciais de cada um, mas distantes das instituições prestigiadas como referenciais de educação e pesquisa em áreas como Letras Clássicas, História Antiga, Filosofia Antiga – para nem mencionar seus avatares progressos, a *Alterthums-Wissenschaft* e a *Philologia* –, como entender suas particularidades sem cair nos riscos de uma complacência indulgente ou de uma intransigência excessivamente inflexível?

O presente dossiê temático, intitulado “À margem da história dos Estudos Clássicos”, pretende encarar essas perguntas e apontar algumas vias de resposta. Em primeiro lugar, um esclarecimento acerca da convocação feita a colegas que atuam nessas diferentes áreas coligadas pela noção amorfa, ainda que tradicional, de Estudos Clássicos. Essa realização foi propiciada por um convite feito a mim pelo Prof. Glaydson José da Silva (Unifesp), editor-chefe da *Heródoto: Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-Asiáticas*. Nossas colaborações durante eventos da Associação Nacional de História (ANPUH) acabaram nos aproximando ao longo dos últimos anos e, quando assumi como Professor de Letras na Universidade Estadual do Ceará, campus Aracati, recebi com alegria a ideia de propor uma chamada para a revista *Heródoto*.

Pensando na nova realidade que eu passava a encarar com a docência universitária numa região passível de ser entendida como “marginal” em pelo menos três sentidos principais – na medida em que está fora do grande eixo mundial de produção do conhecimento clássico (nas principais

¹ Professor Doutor –Universidade Estadual do Ceará, Aracati, Brasil. E-mail: gtsilva.rafa@gmail.com.

instituições do “Norte”, sobretudo na Europa e nos EUA), mas também do sudeste brasileiro (eixo RJ-SP-MG) e mesmo de uma grande capital metropolitana (Fortaleza, CE) –, escrevi uma chamada que levasse em conta ainda as discussões contemporâneas sobre a alteridade e a relação com a diferença, em termos de abordagens teóricas, perspectivas (sujeitos) e temas (objetos). A ideia foi aprofundar alguns dos direcionamentos que propus na conclusão de minha tese *O Evangelho de Homero: Por uma outra história dos Estudos Clássicos* (a ser em breve publicada em livro com esse mesmo título pela Eduerj, Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro). A inflexão histórica da proposta acena para a tarefa memorialística de resgate do passado, sem prescindir de uma valorização ativa do presente, com a atenção sempre desperta ao futuro. Com esse mosaico de questões em vista, propus a seguinte chamada:

A área de história dos Estudos Clássicos tem sido cada vez mais reconhecida no Brasil e no mundo. Estudiosos de História Antiga, Arqueologia Clássica, Filosofia Antiga, Letras Clássicas e áreas afins têm buscado conhecer melhor a história de suas disciplinas, não apenas em termos da biografia de seus precursores, mas também no que diz respeito ao conjunto de práticas e discursos epistemológicos do passado, a fim de desenvolverem uma compreensão mais aguda de sua realidade no presente. Apesar desse reconhecimento público, com vários trabalhos primorosos publicados desde o início do século XX, essa historiografia raramente leva em conta obras, estudiosos e instituições que não façam parte de um eixo bastante exclusivo de produção do conhecimento, em geral restrito aos grandes centros de países como Alemanha, França, Itália, Inglaterra e EUA. Com o objetivo de suscitar um questionamento a esse tipo de limitação, o presente dossiê visa à publicação de artigos sobre diversos temas relacionados àquilo que poderíamos chamar – no plural – de histórias dos Estudos Clássicos, incluindo trabalhos sobre as vidas e as obras de estudiosos da Antiguidade atuando nas mais diversas regiões do planeta, assim como sobre instituições e projetos que promovam o conhecimento da cultura greco-romana e suas conexões afro-asiáticas para além dos eixos hegemônicos de produção do conhecimento clássico.

Com entusiasmo recebemos contribuições instigantes que se destacam pela diversidade, tanto em termos da proveniência e local de atuação de seus autores quanto também de suas formações e áreas de pesquisa. Essa é uma característica importante para uma empreitada coletiva como essa, uma vez que seu intuito é propiciar trocas que se mostrem enriquecedoras justamente pelas interações com as diferenças. Vale notar que a dimensão

bilíngue (via de regra, português-inglês, mas também espanhol-ingles) potencializa ainda mais esse aspecto do volume.

O dossiê inicia-se com o texto de James I. Porter, Professor da Berkeley University (Los Angeles, EUA), intitulado “Filologias do presente para o futuro”. Com sua abordagem panorâmica e seu vasto levantamento bibliográfico, esse texto oferece um excelente exórdio, afinal, ele retoma a natureza multifacetada da filologia (desde suas raízes na antiguidade até o presente) para abordar as contribuições de figuras muitas vezes ignoradas pela história do campo, como Hannah Arendt, Victor Klemperer, Adorno e Horkheimer, Rachel Bespaloff, Simone Weil, Erich Auerbach, Sigmund Freud, Friedrich Nietzsche, Jacob Bernays, Vico e Spinoza. Nesse sentido, Porter reflete sobre aquelas e aqueles que produziram amiúde literalmente à margem dos Estudos Clássicos.

Na sequência, María Cecilia Colombani, Professora da Universidad de Morón e da Universidad Nacional de Mar del Plata (Argentina), contribui com “Ensinar as línguas clássicas e os autores clássicos como forma de construir uma ponte para o outro”. A autora baseia-se em sua experiência docente para propor reflexões sobre ensino e aprendizagem à luz do contato com a alteridade, a partir de uma perspectiva não tanto didático-pedagógica, mas sim ético-antropológica. Seus apontamentos têm implicações pertinentes para diferentes áreas cujas responsabilidades envolvem o ensino de aspectos do passado (antigo) no presente.

Por sua vez, Maria de Fátima Silva, Professora da Universidade de Coimbra (Portugal), publica “As Clássicas em Coimbra: Um passado com futuro”. O texto combina uma síntese objetiva de dados históricos relativos à atuação do Grupo de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra nos últimos oitenta anos, de uma perspectiva subjetiva que enriquece esse material com seu testemunho de experiência direta. Em vista da importância que os Estudos Clássicos de Portugal, mais especificamente de Coimbra, desempenham na história da educação no Brasil, esse trabalho certamente traz uma contribuição digna da atenção especial de quem se interessa pela história dos Estudos Clássicos no país.

Passando para as contribuições especificamente brasileiras, ainda que na mesma chave memorialística, cumpre mencionar o trabalho de Pauliane

Targino da Silva Bruno, Professora da Universidade Estadual do Ceará, com o artigo “Uma breve história dos Estudos Clássicos na Universidade Federal do Ceará”. Em mais uma combinação equilibrada de dados objetivos organizados segundo uma visada subjetiva (de quem tem na instituição estudada sua *alma mater*), esse texto se junta a outras publicações recentes que têm valorizado a história afetiva de estudiosos e centros de cultura clássica em diferentes regiões do Brasil.

Em seguida, Bruno de Alves Borges, doutorando na Universidade de Brasília, e Marcelo Rocha Barros Gonçalves, Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, escrevem em coautoria “Eudoro de Sousa a contrapelo: O pensamento autocrático na história dos Estudos Clássicos”. Expandindo a veia polêmica deste dossiê, o artigo aborda a vida e a obra de um importante nome dos Estudos Clássicos do Brasil – ainda que nascido em Portugal, onde desfruta também de certo reconhecimento intelectual – a partir de um trabalho de contextualização histórica. Sem se furtar aos aspectos complexos da biografia de Eudoro de Sousa e outros intelectuais do período, os autores do texto oferecem uma análise detalhada das conexões entre política e produção do saber, com implicações profundas para quem busca compreender certas idiossincrasias dos Estudos Clássicos no Brasil e de como sua história é contada.

No campo da história da Filosofia Antiga no Brasil, a colaboração de Robert Brenner Barreto da Silva, Professor da Universidade Estadual do Ceará, oferece referências e reflexões sob o título de “A pesquisa plotiniana na literatura brasileira: Apontamentos sobre traduções, materiais de pesquisa e ferramentas historiográficas”. Assumindo esse recorte concentrado num filósofo da antiguidade greco-romana, Plotino, o autor sintetiza vários dados para que se entenda melhor o panorama nacional de traduções e estudos relevantes para o tema, oferecendo inclusive direcionamentos capazes de subsidiar futuros trabalhos de pesquisa.

Por fim, temos a alegria e a honra de publicar um documento de inestimável valor histórico, o texto “Teorética cabocla da Filologia Clássica”, assinado por Mateus-Maria Guadalupe, nome assumido pelo verdadeiro autor: Agostinho da Silva. Outro intelectual português de renome com atuação impactante no Brasil, ele oferece aqui um diálogo

literário-filosófico no qual se apresenta um panorama crítico extremamente relevante para uma reflexão sobre o lugar do Brasil, mas também da América Latina em geral, na história dos Estudos Clássicos. Com proposições acerbas sobre o presente de grandes centros como Alemanha, França, Inglaterra e outros, ele delineia o que podem ser algumas contribuições de uma “teorética cabocla” para esse campo. Os responsáveis por resgatar esse texto de uma *d’As folhas soltas de S. Bento e outras* (com publicação em 1965), apresentando o documento e transcrevendo-o, são Bruno de Alves Borges, doutorando na Universidade de Brasília, e Pedro Mesquita de Carvalho, mestrando na mesma instituição. Da autoria deles é o texto intitulado “Descobrir o Nordeste e verificar nele o Mediterrâneo: Uma iniciação a Agostinho da Silva”.

Esses são os nomes dos estudiosos que fazem parte do presente dossiê. Não são muitos, mas são *muito*. Acredito que essa publicação instigue o debate sobre temas fundamentais para quem se dedica ao estudo da antiguidade, não apenas no Brasil, mas em várias partes do mundo, com suas contribuições arrojadas, em abordagens inter- e transdisciplinares.

Por fim, publica-se também uma entrevista que eu concedi aos editores da *Heródoto*, Professores Glaydson José da Silva (Unifesp) e Filipe Noé da Silva (Udesc), abordando diferentes aspectos de minha formação e minhas pesquisas, além de temas elaborados nos artigos do presente dossiê. Espero que esse conjunto contribua para uma valorização do que podem ser trabalhos produzidos a partir de uma vivência à margem dos grandes centros, afinal, compartilho da intuição de que o olhar só consegue perceber a configuração total de certas estruturas centrais e centralizadoras quando se demora alhures. Como sugere Nietzsche, no aforismo 616 de *Humano, demasiado humano* (orig. 1878), essa perspectiva deslocada suscita um tipo de entendimento que jamais será capaz de desenvolver quem sempre permaneceu no centro, ensimesmado.